

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA	29 DEZ 1979	TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

CVP retira-se do Jamor

Sorte dos refugiados entregue aos serviços do MAS

No vale do Jamor, cenários do drama que atingiu centenas de famílias desalojadas das ex-colónias, paira um clima de angústia e perplexidade.

Como "prenda" desta quadra que se pretende festiva e sem qualquer aviso prévio, as cerca de 2000 pessoas, oriundas na sua maioria de Timor, Angola e Moçambique, que até agora ali foram albergadas pela Cruz Vermelha, serão transferidas, ainda nestes últimos dias do ano, para a alçada do Ministério dos Assuntos Sociais.

Esta notícia, recentemente comunicada à comissão de desalojados do campo do Balteiro, provocou a indignação dos membros daquela comissão que considera que os habitantes do Jamor "não são tratados como gente". E prosseguem: "Lidam connosco como se fôssemos gado. As resoluções que nos dizem directamente respeito e de que dependemos são tomadas sem sermos consultados ou ouvidos".

Para muitos dos retornados que ali vivem desde 1976 data em que foram instaladas as primeiras "acomodações"

para os receber, esta perspectiva de transferência de responsabilidades e auxílio para um departamento oficial que tem fama e proveito de não possuir estruturas que lhe permitam apresentar soluções para os seus casos, tornou-se motivo de apreensão, mesmo de desespero.

"Não deixaremos a Cruz Vermelha abandonar-nos", afirmou o porta-voz da comissão de desalojados. "No dia 31, data prevista para irem ao campo buscar a bandeira da organização, estaremos unidos e só à força a conseguiremos levar. Convém esclarecer que não estamos contra a Cruz Vermelha, apenas temos lutado contra algumas pessoas corruptas que dela se servem. Mas não assistiremos passivamente a esta nova descolonização que agora pretendem fazer no Jamor".

Apesar de resignados com as condições de vida que ali lhes foram dadas, habitando, como eles próprios dizem, em

"contentores" em vez de casas, tendo lama à porta em vez de ruas, sendo um luxo dispor de esgotos ou luz eléctrica, os retornados do Jamor não aceitam que a Cruz Vermelha os "entregue" ao MAS sem cumprir o programa de integração e auxílio inicialmente exposto.

"Receberam subsídios para nos ajudar. Queremos que os gastem connosco. Não pedimos verbas que se destinem a outros casos. Mas se a Cruz Vermelha se propõe agora guardar a bandeira e dar-se por satisfeita, só há a concluir que funciona meramente como unidade hoteleira. E, mesmo assim, deixa a desejar. Quanto à nossa integração? O que tem sido feito? Por este andar, chegará alguma vez a concretizar-se?".

E um dos membros da comissão de desalojados, traduzindo o sentimento geral sentido no Jamor interroga: "Continuaremos sempre a ser uma batuta quente, passada de mão em mão?"